

**Fortes D'Aloia & Gabriel**

**Galeria**

Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil

T +55 11 3032 7066 | [www.fdag.com.br](http://www.fdag.com.br)

## Poeira Varrida – Manoela Medeiros

(*ao meu amor*)

*Em 1978, uma equipe da companhia de eletricidade da Cidade do México começava sua jornada de trabalho fazendo uma escavação na região do Centro Histórico dessa gigantesca metrópole: A intenção era passar cabos subterrâneos que serviriam ao sistema do metrô. Antes que chegassem a 2 metros de profundidade, assustaram-se ao encontrar sob a terra uma enorme pedra que descobririam ter 8,5 toneladas. Era um disco com mais de 3,2 metros de diâmetro em cujo relevo, realizado no século XIV, seria reconhecida a representação de Coyolxauhqui, a deusa da Lua para a religião asteca. Alguns anos depois, a partir dessa e das muitas descobertas que viriam em seguida, o presidente mexicano fez um decreto especial que autorizou a demolição de 13 edifícios da região para que fosse realizada uma grande escavação arqueológica. Foram encontrados ali mais de 7 mil importantes objetos (muitos deles partes de antigas oferendas rituais) além - é claro - do próprio Huey Teocalli. Finalmente: o*

*Templo Mayor...*

A arqueologia é a ciência que estuda vestígios materiais da presença humana com o objetivo de compreender melhores antigos modos de vida. Entre a verificação e a invenção, está ligada à construção de narrativas hipotéticas sobre o passado a partir de rastros que porventura conseguiram resistir até o presente e que foram encontrados por profissionais. Lidando com fragmentos de sociedades extintas, essa ciência ambiciona a reconstituição de processos culturais que desapareceram. Dessa maneira, a arqueologia, em si, nos mostra que as formas de viver no mundo estão em constante disputa e mutação.

A metodologia arqueológica é formada por etapas que vão desde a identificação e prospecção de um sítio até a análise dos artefatos encontrados. A escavação é certamente uma das fases mais cruciais: é o momento em que é retirada de cima do artefato toda a poeira que ali se depositou e sedimentou com o tempo. “Escavação” é justamente o nome dado pela artista carioca Manoela Medeiros (1991) para o procedimento utilizado na feitura da maior parte de sua obra realizada até hoje. Com essa técnica, a artista retira determinadas camadas da pintura da parede utilizando instrumentos precisos até chegar ao revestimento mais rígido abaixo. Normalmente, Manoela cria recortes geométricos na superfície da parede e os relaciona com objetos ou com outras formas geométricas preenchidas pelos fragmentos de tinta retirado da “escavação” anterior.

Revelando os diferentes níveis de tinta sob a superfície da parede, Manoela aponta para o caráter transitório de tudo e, por isso, para a relação entre o que se mantém e o que transforma. Na verdade, toda a produção da artista até hoje surge de um interesse profundo na relação entre o corpo, o espaço e a passagem do tempo e se realiza como abstrações resultantes de exercícios formais. Na exposição “Poeira Varrida”, sua primeira individual na Fortes D’Aloia & Gabriel e fruto do período em que esteve em residência em São Paulo, os trabalhos elaboram a experiência árida e violenta da cidade enquanto refletem sua pesquisa imagética sobre pinturas rupestres, arte pré-colombiana, cerâmicas indígenas, pintura corporal ritualística, hieróglifos, geoglifos, fósseis etc.

Mesmo que os termos escolhidos para nomear as obras na mostra (como “Vale”, “Fronteira”, “Território” e “Declive”) sejam termos emprestados do campo da geografia, a relação entre os títulos e as demais características do trabalho (matéria, forma, técnica etc.) não formam códigos que ilustram críticas, afirmações contundentes ou soluções para o mundo em que vivemos. Se Manoela produz uma arqueologia com seu trabalho, essa é uma arqueologia intempestiva, que enuncia no presente ao invés de narrar o passado, ligada à contramemória, que insiste sobre a presença, mantém as coisas em estado de problema sem solução pré-determinada, que desenterra o vale, a fronteira, o território, e os oferece ao público confiando nas potências da paralaxe. É uma arqueologia cuja última etapa é a escavação. A análise dos vestígios não faz mais parte dos processos da artista. É fazer do público.

Por operar diretamente com o descontínuo, a arqueologia pode nos ajudar a perceber a deriva humana, pois é capaz de nos fornecer instrumentos contra a noção de um tempo único ou de uma História única associada à ideia de progresso ou evolução. Ao mesmo tempo em que os vestígios podem ser utilizados para a construção de um discurso pretensamente absoluto sobre a História, eles podem também nos apontar para o fato de que essa não é mais do que uma memória inventada – entre muitas outras que seriam possíveis.

Oswald de Andrade, uma vez tratando das formas de conseguir acessar o tempo da Idade de Ouro do Matriarcado, disse que seria necessário criar uma “ciência do vestígio errático”. O interessante é que “vestígio” vem da palavra latina que significava “pegada” e “errático” pode querer dizer “que vagueia”, “errante”. A ciência do vestígio errático seria, portanto, uma espécie de arqueologia que se debruça sobre partes sobreviventes do passado que continuam vivas, em movimento, irrefreáveis, inapreensíveis em sua completude, insolucionáveis.

Num momento em que parte da sociedade começa a reconhecer e desnaturalizar as injustiças, Manoela se esforça para não construir seu trabalho tecendo claramente discursos políticos. Em um contexto tão cheio de injustiças vividas e assinaladas, em que grande parte dos artistas tem escolhido responder às emergências do mundo apresentando ou apontando críticas, elaborações ou soluções em suas obras, Manoela cria seus trabalhos com uma espécie de ingenuidade, como se, candidamente, optasse pela inadequação ao invés do bom senso.

Manoela tentou criar um trabalho imune à contradição simplesmente por não se equilibrar sobre uma linha (sempre tão bamba quando potente) discursiva, narrativa, explicativa ou histórica. Pelo contrário: sua obra se estende por todo o espaço possível dos afetos sem orientação, se sustenta pela teia complexa formadas pela diversidade de fruições, questionamentos e elaborações.

A presente exposição se configura a partir de jogos geométricos de ritmos e rimas imperfeitas, de uma série de reflexos, repetições, distorções e rebatimentos – alguns mais claros, outros mais discretos. Nessa mostra, Manoela também experimenta pela primeira vez a construção de objetos que parecem brotar como erupções, mutações, verrugas urbanas surgidas dos materiais da cidade e da própria galeria. Nesse caso, não são testemunhas de outros tempos que nos sussurram a transitoriedade ou um outro tipo de tempo, mas é a substância e a resistência das coisas que nos apontam as disputas que envolvem o perene e o que o dinamiza. No espaço de “Poeira Varrida”, ainda sob o eco dos atos de escavação, emergem objetos de tempos e sentidos indecifráveis. O resultado é uma envolvente cartografia no hiato, cujas razões geométricas atravessam transversalmente os trabalhos e o público. Esses cruzamentos são balizas quase-visíveis de caminhos abertos, marcas que sugerem novas escavações ou futuras erupções.

... Como a Cidade do México foi construída sobre um grande lago, hoje em dia, com o crescimento urbano acelerado e a superpopulação, há muitas regiões da cidade que estão perigosamente afundando no solo. Há localidades que já chegaram a descer mais de 12cm em apenas um ano. Porém, o Templo Mayor, por sua vez, vive a situação contrária. Ao retirarem o peso da terra que lhe comprimia com diversas camadas de colonização e urbanização desde o século XVI, o templo passou a emergir do solo: desde sua escavação, essa pirâmide, que era o centro da vida religiosa asteca, está se movendo cada vez mais para fora da terra.

Viva.